

Amor e vida íntima no Brasil pós-Independência: romance e utopia

Heloisa Santos¹ (UFRJ)

Resumo:

Durante o século XIX, na sociedade brasileira que atravessava profundas modificações após a transferência da Corte portuguesa, a literatura possui papel fundamental disseminando os modelos de comportamentos considerados adequados aos cidadãos do novo estado no Brasil. Neste momento, uma nova família também estava sendo proposta, remetendo, deste modo, a novas formas de relação amorosa. Ainda que a organização social brasileira se baseasse principalmente nas decisões dos patriarcas, romances disseminavam modelos de comportamento inovadores para a vida íntima desta sociedade. Nesta apresentação, analisarei qual a configuração deste modelo de relação amorosa proposto para os novos tempos pós-coloniais em três romances brasileiros, A Moreninha, Senhora e Dom Casmurro. Ademais, discutirei como foram tratadas, nestes romances, as relações conjugais baseadas no amor e como foram resolvidas as tensões entre este padrão de relacionamento amoroso e o modelo de família patriarcal.

Palavras-chave: Amor, Família, Literatura Brasileira, novas conjugalidades, Brasil oitocentista

Introdução

Os temas deste trabalho são o amor e a família ou, mais especificamente, as representações de amor e família disseminadas no Brasil, durante o século XIX, por meio de três romances que são meu objeto de estudo: A Moreninha (1844) de Joaquim Manuel de Macedo, Senhora (1875) de José de Alencar e Dom Casmurro (1899) de Machado de Assis. Busquei compreender como estas três narrativas relacionaram a idéia de um amor baseado em escolhas individuais e a sociedade brasileira oitocentista, tradicionalmente familista. Durante o século XIX, na sociedade brasileira que atravessava profundas modificações em sua estrutura social (Freyre, 2006; Costa, 1999), a literatura possui papel fundamental disseminando os modelos de comportamentos considerados adequados aos cidadãos do novo estado no Brasil. Neste momento, uma nova família estava sendo proposta, remetendo, deste modo, a novas formas de relação amorosa e conjugal. Ainda que a organização social brasileira se baseasse principalmente nas decisões dos patriarcas, romances disseminavam modelos de comportamento inovadores para a vida íntima desta sociedade. Assim como Niklas Luhmann (1991), compreendo que a literatura teve papel fundamental na fixação, codificação e disseminação entre os leitores dos comportamentos associados à vida íntima e aos relacionamentos amorosos. Nesta apresentação, analisarei qual a configuração deste modelo de relação amorosa proposto nestes romances para os novos tempos pós-coloniais. Ademais, discutirei como trataram, nos romances, das relações conjugais baseadas no amor e como resolveram a tensão entre este padrão de relacionamento amoroso e a família patriarcal.

Como ressalta Candido (2006), é no século XIX que a literatura no Brasil alcança uma melhor organização, sistematizando-se autores, público e obras². Pode-se lembrar ainda, a partir das reflexões de Freyre (2006), que romances "dissolutos" participaram desta mudança, posto que apresentavam padrões que se distinguiam da prática, onde a decisão sobre os matrimônios dos

¹ Heloisa Santos, Mestre em Sociologia com ênfase em Antropologia pelo Programa de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Email: heloisahelena28@yahoo.com.br

² Lajolo e Zilberman (2002) destacam o impacto que a liberação da imprensa régia para documentos não oficiais e, posteriormente, da permissão do funcionamento de impressões particulares produziu em nosso sistema literário.

jovens era conduzida, prioritariamente, pelo patriarca. Estes romances representariam as “más influencias” das novas gerações, pois apresentariam novos modelos de comportamentos³, subjetividade e afeto para homens e mulheres. Estas narrativas se inseririam, por outro lado, em um projeto mais amplo de redefinição da família⁴. Considero que concomitantemente às alterações que se processavam na vida íntima da sociedade brasileira oitocentista, noções alternativas de relacionamentos conjugais e família estavam sendo ensaiadas nas narrativas. Estas concepções estão majoritariamente relacionadas à ascensão de modelos de relações afetivas centradas no amor, relações onde o sentimento passa a ser requisito para a efetivação do matrimônio, ao invés da decisão do patriarca. Ocorre, deste modo, um processo de reorientação dos valores nestes romances. Mas ainda que, neste período, muitas mudanças tenham se processado no campo dos afetos, acredito que as novas formulações apresentadas por esta literatura de ficção não conseguem, até aquele momento, resolver a relação tensa entre amor individualizado e a ainda principal instituição social da sociedade brasileira da época, a família extensa e, mais especificamente, com a autoridade, o arbítrio e o poder do proprietário.

1 Os romances, a família e o amor: novas possibilidades

Os romances tratam em específico do nascimento e desenvolvimento do primeiro amor das personagens e embora difiram profundamente em termos estéticos, estas narrativas são paradigmáticas na história literária brasileira. *A Moreninha* é considerado nosso primeiro romance⁵, sendo que sua escolha se justifica especialmente porque este livro fornece algumas das principais convenções temáticas e formais do gênero para os romances seguintes⁶. Alencar inicia o processo de refinamento da forma romance e também das personagens, que se tornam mais interiorizadas ou psicologizadas a partir de sua obra⁷. Por esta razão, diferente de Macedo, Alencar produz romances onde os obstáculos amorosos se tornam mais definidos⁸: é *Senhora* que apresenta uma crítica melhor sistematizada à sociedade do período, valorizadora dos relacionamentos de conveniência⁹.

³ Freyre (2006) lembra que José de Alencar foi acusado por criar, em seus romances, personagens femininas cujos comportamentos não eram apropriados. Eram as “tendências românticas” que faziam com que as moças fugissem com seus amados. “Os romances de José de Alencar, por exemplo, com ‘certas cenas pouco desnudadas’ e certos ‘perfis de mulheres altivas e caprichosas [...] que podem seduzir a uma jovem inexperiente, levando a querer imitar esses tipos inconvenientes na vida real’” (FREYRE, 2006: 249).

⁴ Muricy (1988) mostra como os primeiros romances de Machado de Assis possuíam narrativas condizentes com as considerações médicas sobre a família que se disseminaram durante o século XIX. Augusti (1998) revela o caráter pedagógico dos romances de Macedo, onde ideais de mulher e esposa eram indicados por meio das narrativas.

⁵ Há algumas divergências sobre esse tema, alguns autores considerando *O Filho do pescador* de Teixeira e Souza, lançado um ano antes, nosso primeiro romance. Candido (2006) argumenta que é com Macedo, contudo, que temos “as primeiras obras apreciáveis pela coerência e execução” (CANDIDO, 2006: 439).

⁶ Cardoso (2008) destaca a importância do papel de Macedo na formação do leitor no Brasil, apresentando o tipo de narrativa que seria seguida amplamente nos anos seguintes e cujo elemento principal é a confiança do leitor em um narrador que cria um ambiente intimista e receptivo. Esta influência não se dá, contudo, apenas no que se refere aos aspectos formais. Em *Como e porque sou romancista*, Alencar lembra ainda a influência que o sucesso do romance *A Moreninha* teve sobre sua carreira como escritor.

⁷ Candido (2006) e Cardoso (2008) ressaltam a influência que o autor teve na concepção das personagens mais psicologizadas que viriam a ser fundamentais para Machado de Assis, tendo dado um passo fundamental na exploração das motivações inconscientes dos mesmos.

⁸ Candido (2006) destaca que faltou a Macedo “gosto ou força, para integrar esses elementos num sistema expressivo capaz de nos transportar, apresentando personagens carregados daquela densidade que veremos nalguns de Alencar, antes que surgisse a galeria de Machado de Assis” (CANDIDO, 2006: 461).

⁹ De acordo com Candido (2006), “a vida comercial e seu reflexo nas relações domésticas e amorosas (...), temas essenciais para compreender a época”, encontrarão, em Alencar e Machado, a integração que não ocorrera em Macedo. Para o autor, o desnível revelado no conflito entre o dinheiro e o casamento por amor é um dos temas fundamentais em Alencar, fator que se revela por meio da posição social distinta das personagens. Segundo Candido, esta “diferença de condições sociais é uma das molas da ficção de Alencar, correspondendo-lhe, no terreno psicológico, uma diferença de disposições e comportamentos, que é a essência do seu processo narrativo (...), [de modo que] se nos lembramos do conflito em *Senhora*, do grande amor de Aurélia com a vergonhosa transação que põe Fernando à sua mercê, veremos que os seus melhores livros são aqueles em que o conflito é máximo.” (CANDIDO, 2006: 542/3). Já Volobuef (1999)

Dom Casmurro, por sua vez, está entre os principais romances de Machado de Assis e é nele que a possibilidade do amor constituir fundamento das relações afetivas é tratada mais a fundo, pois acentuam-se os conflitos entre o sentimento e as ações das personagens. *Dom Casmurro* é ainda um dos romances que representam a maturidade da forma romance no Brasil, pois, como ressalta Candido (2006), Machado de Assis “é herdeiro de Macedo, Manuel Antonio, Alencar, que foram no romance seus mestres e inspiradores”¹⁰. Nele, ressalta-se o desnível entre a importância do amor e da posição social dos amantes. Revela ainda, como demonstra Venancio Filho (2000), a tensão entre o amor, que exige a distância da família, e a grande importância da mesma na constituição da vida afetiva dos indivíduos.

Considero, como Luhmann (1991), que a literatura relaciona-se de modo reflexivo com a sociedade, sendo por ela constituído e, concomitantemente, constituindo-a. Deste modo, não é possível considerar a literatura como um reflexo da sociedade. A análise partiu de uma distinção presente nos três romances escolhidos, a diferença entre relações virtuosas, constantes e únicas, que corresponderiam às relações baseadas no afeto, e relacionamentos infieis, fundamentados em interesses externos ao amor, como o dinheiro ou a vontade de casar rapidamente. Estas duas possibilidades foram discutidas a partir de dois pontos principais. Por um lado, a concepção hegemônica de amor ou que se quer instituir que, conseqüentemente, funda um novo tipo de família, a família amorosa cujo núcleo é o casal que se ama e não a família extensa. Por outro, as visões alternativas de amor que, em alguns momentos, identificam-se com os obstáculos que o sentimento tem que enfrentar. O modo como cada um dos romances delineou a relação entre amor e família norteou as análises.

Nos três romances são narradas histórias de amor de jovens casais. O amor, ainda que possa estar impregnado de pressões sociais, é o sentimento que orienta os pares nas suas relações íntimas e conjugais. Mas esta semelhança não impede que haja uma grande diferença entre as narrativas de Macedo e Alencar, por um lado, e a de Machado de Assis, por outro. O amor no romance *A Moreninha*, e que corresponde ao amor da protagonista Carolina, é o amor da constância, o oposto do comportamento volúvel e galanteador, que tem por objetivo conquistar um noivo ou muitas namoradas. Este último é, contudo, o tipo de comportamento mais comum na narrativa e, também, o tipo de comportamento acusado, em especial para as mulheres, elemento que é atestado pelo fato de a única moça que não é obcecada em casar, Carolina, é a única que efetivamente casa. Em oposição a este comportamento volúvel, que se importa menos com a pessoa do amado do que com o casamento ou com a satisfação do desejo, há o amor constante dos protagonistas, um amor que pode enfrentar qualquer obstáculo, como a distância e o tempo – entre o primeiro encontro e o reencontro, passam-se sete anos. O problema da galanteria é porque ela remete às uniões sem amor, e à possível manutenção do comportamento volúvel dentro do casamento, a infidelidade. Daí ser relevante apontar como agem os amantes em suas relações e acusar as moças vaidosas, namoradeiras, casamenteiras e os rapazes libertinos. A preferência pelo amor puro, casto, constante demonstra que um padrão está sendo sugerido, um modelo que está intimamente associado a uma moral religiosa de monogamia. Carolina é o exemplo de amor virtuoso, claramente ingênuo, sem preocupações casadoiras que “recupera” Augusto, rapaz que havia se esquecido do compromisso que estabelecera com a menina, na infância, contagiando-o com sua naturalidade e pureza e inserindo-o na família amorosa (Cardoso, 2008). A jovem espera seu amado durante sete anos e mesmo quando descobre que ele é o menino que conhecera na praia em infância, ela só se entrega quando percebe que ele ama apenas a ela e não mais, como Augusto costumava afirmar, a todas as

lembra que os romances românticos denunciavam com frequência os casamentos de conveniência e “é em *Senhora* (Alencar) que ele se torna a verdadeira espinha dorsal do texto.” (VOLOBUEF, 1999: 285). O amor deve ser romântico e santificado, sendo que esta idéia apareceria repetidas vezes nos romances porque, para a autora, “essas repetições criam uma contraposição – irônica e crítica – ao casamento de conveniência, que é o ponto central do romance.” (*Ibidem*: 282).

¹⁰

CANDIDO, 2006: 437.

mulheres. A sugestão das relações fundamentadas no amor e a crítica aos comportamentos volúveis apontam para uma tensão entre os modelos que concomitantes, não deixam de ser concorrentes.

Em *Senhora*, a concepção de amor dominante está de acordo com as noções representadas pela protagonista Aurélia, moça de origem simples e filha de pais cuja relação, embora infeliz, foi constante em seu amor e nele encontrava sua base. Aurélia é filha de uma família amorosa, seus pais lutaram contra as imposições das famílias e se amaram apesar das muitas dificuldades. Longe da sociedade galanteadora, Aurélia desenvolve um amor particular, próprio às moças de “imaginação e sentimento” que não vivenciam a realidade dos galanteios fáceis, do amor de diversão e dos casamentos de conveniência. Fora deste contexto, pode experimentar sensações que nascem de seu interior e não são aprendidas na sociedade corrompida, sociedade mundana e incapaz de acessar os verdadeiros sentimentos. É este amor da virtude, do íntimo, do ideal que se quer afirmar. A sociedade produz rapazes que querem corromper moças, homens e mulheres que anseiam ser os escolhidos pelos mais ricos e que privilegiariam um casamento lucrativo a um amor verdadeiro. Este é o caso do protagonista Fernando Seixas, rapaz que troca Aurélia, moça que o ama verdadeiramente, por Adelaide Amaral, ou melhor, pelo dote oferecido pelo pai da jovem. Como a sociedade em que estão inseridos, Fernando Seixas é insensível ao verdadeiro sentimento, não pode acessar seu interior, sua pureza está perdida, mas não permanentemente. Seixas, o exemplo de rapaz que foi educado pela moral turva da sociedade, que se casa em troca de um alto dote, que não acredita em amor, aos poucos se modifica e se torna um homem renovado pela influência de Aurélia. É apenas após essa modificação que vemos configurar-se a possibilidade da felicidade conjugal: o verdadeiro amor só pode ocorrer quando os amantes são virtuosos. Até Seixas se modificar, eles não tem nenhum contato mais íntimo. Sugere-se um modelo de relação que deve basear-se no amor e se opor a qualquer manifestação de interesse financeiro, tipo de relação que a narrativa demonstra ser comum e que remete às tradicionais negociações conjugais feitas pelos patriarcas. Com todas as diferenças para com a obra anterior, é indiscutível que a crítica à vida galante e às relações íntimas fundamentadas em questões que não o amor é mantida e que um padrão de casamento e de família cuja base é o amor é sugerido: ao invés de relações negociadas, como as que eram bastante comuns na sociedade patriarcal¹¹, jovens que se amam profundamente e que se importam mais um com o outro do que com o mundo de festas e salões.

O que une estas narrativas é que ambas tratam de um amor autônomo, que acontece sem que haja a presença de patriarcas interferindo nas relações. Para que tal modo de relacionamento ocorra, contudo, os romances não discutem a inserção dos jovens na família, as relações hierárquicas dentro desta instituição. Encontramos, nestes dois romances, uma quase total eliminação das figuras de autoridade, dos representantes da família. Aurélia e Carolina são órfãs de pais e mãe e seus parentes mais próximos não têm, por diferentes razões, influências em suas vidas. As famílias de Augusto e Fernando também não exercem pesada força. A autoridade do pai de Augusto até surge na narrativa, mas é momentânea e se submete ao amor, pois o medo da morte do filho se sobrepõe ao desejo, ao arítrio do patriarca. Este modo de abordar as relações íntimas possibilita questionamentos sobre as tensões entre relação amorosa e sociedade brasileira, sociedade que, ainda no século XIX, tinha na família sua principal organização social. Consideramos que esta ausência ou enfraquecimento da família é um recurso narrativo para possibilitar a ascensão livre do amor, pois sem a pressão da família, os jovens podem se unir por amor, independente dos anseios do grupo. É relevante ressaltar que a família vinha sofrendo transformações no século XIX, mas afirmar que ocorrem modificações na organização da sociedade brasileira não é o mesmo que dizer que as famílias perderam seu poder. O modo como se efetivam os casamentos nos romances *A Moreninha* e *Senhora* - apenas com a presença de obstáculos internos ao próprio relacionamento – revela uma

¹¹ A narrativa não apresenta figuras masculinas negociando o casamento dos filhos, mas os próprios jovens se apresentando nas festas e teatros, onde competem entre si, ansiando serem os melhores partidos, a fim de “arranjarem” o melhor casamento. Ainda que não haja patriarcas presentes, a negociação, como padrão associado à sociedade patriarcal, está confirmado.

imagem diferente das relações conjugais, pois o amor é o elemento mais importante para o casal e não os interesses do grupo familiar. Mas este perfil de relacionamento onde o amor é a base da relação só é possível nas narrativas com o afastamento de todos os impedimentos sociais, como a família e as hierarquias sociais. Os romances de Macedo e Alencar não apresentam qualquer tensão entre amor autônomo e família. Mas esta falta de tensão só ocorre porque a família não está presente para agir, com todo o poder que lhe era concedido. Esta ausência é reveladora das dificuldades enfrentadas pelos romances para associar um modelo de família nuclearizada, centrada no amor e nas decisões do casal, e sociedade brasileira, cujo núcleo era a família extensa.

A fim de melhor compreender esta tensão entre romance, amor e família é necessário abordar o romance *Dom Casmurro*, pois é neste romance que esta relação entre poder patriarcal e amor autônomo é melhor tratada. Podemos dizer que *Dom Casmurro*, em um primeiro momento, segue na mesma direção dos romances de Macedo e Alencar, pois é um caso de primeiro amor. O romance acentua, no entanto, um tipo de amor que não se configura em torno dos ideais românticos. Mesmo quando narra a descoberta do amor entre os jovens, não parece configurar-se uma “escolha” amorosa, no sentido de decisão individual para “casar-se com”, pois o protagonista é “levado a amar” Capitu quando denunciado pelo agregado. O amor não se afirma na narrativa. Fundamentando a relação dos jovens, o amor acaba se revelando como um instrumento de Dona Glória, mãe do protagonista e proprietária, para executar sua vontade de não deixar o filho no Seminário e, ao mesmo tempo, de se expiar da culpa de ter rompido com a promessa religiosa (Gledson, 1999; Schwarz, 1997). Esta postura de Dona Glória é uma das chaves do enredo. O amor ocorre mais pelo desejo da proprietária que possui o poder de mando, do que em função dos anseios do casal. O amor é uma justificativa para que o poder familiar exerça, mesmo que indiretamente, sua vontade.

O papel da família em *Dom Casmurro*, em comparação com os outros romances, é diferente já que o arbítrio do proprietário é o principal obstáculo para os relacionamentos amorosos, e não os defeitos dos amantes, e é um impedimento que não é capaz de ser vencido pelo amor, como ocorre com todas as dificuldades que se apresentam aos casais de Macedo e de Alencar. *A Moreninha* e *Senhora* não tratam deste tema ou se esforçam para demonstrar que a família, como participante nas decisões sobre a vida íntima dos indivíduos, não deve estar presente, pois este tipo de comportamento é comum *no passado*¹² e não na modernidade, neste Brasil que se construía após a Independência e que buscava se distanciar da tradição colonial. O romance de Machado de Assis enfatiza não apenas as dificuldades do amor ante a família, como revela que a atuação da mesma não é “mania antiga”, mas que, quando está presente, pode ser, e em geral é, extremamente forte, não deixando de mobilizar esforços quando anseia concretizar seus interesses. O arbítrio do patriarca também se manifesta posteriormente, na nova família formada por Bento e Capitu, quando o ciúme do homem submete o amor a segundo plano, eliminando-o como justificativa para a manutenção da relação e substituindo-o pela desconfiança: Capitu, Escobar, a liberdade, o amor, elementos da modernidade, só podem ser administrados por Bento, representante do tradicionalismo (Gledson, 1999; Schwarz, 1997), através da força, do arbítrio e do autoritarismo.

Conclusão

Deste modo, busca-se afirmar que, embora a sociedade tenha vivenciado muitas mudanças, a família não perdera seu poder, daí o recurso ao desaparecimento da família nos romances de Macedo e Alencar. Este recurso evidencia uma tensão entre os romances e a sociedade brasileira. É possível imaginar que buscou-se, através da literatura, disseminar um ideal de conjugalidade onde o amor seria o fundamento da relação, de modo a estabelecer um novo padrão para a vida íntima. No

¹² O narrador de *A Moreninha* se refere ao comportamento do pai de Augusto como “mania antiga” e todos os exemplos de intervenção familiar na vida dos casais em *Senhora* se dão uma geração antes da geração de Aurélia, a protagonista.

entanto, não havia meios de associar este amor individualista romantizado com o modelo de família brasileiro. *A Moreninha* e *Senhora* afirmam o amor como fundamento das relações conjugais, pressupondo um indivíduo autônomo. Para que tal associação ocorra, todavia, recursos estéticos ambíguos são necessários, como a ausência da família, pois esta autonomia ainda não tinha se afirmado, até aquele momento, na sociedade brasileira do século XIX. O romance de Machado de Assis fornece informações que nos levam a acreditar na impossibilidade deste tipo de associação mais livre e igualitária na sociedade do século XIX: o fato de o romance não utilizar o afastamento da família como um recurso narrativo e de, diante desta circunstância, o amor sucumbir ao arbítrio patriarcal, ao ciúme, permite mostrar que existe uma incompatibilidade entre relações amorosas e familiares na sociedade brasileira do período. É o distanciamento da família e dos elementos que a representam, que permite que o amor se desenvolva nos dois primeiros romances e é a presença dela em *Dom Casmurro* que impede que o amor se mantenha. Todo o enredo de *Dom Casmurro* enfatiza os efeitos do sistema patriarcal na intimidade e na interioridade dos indivíduos, argumento que não foi trabalhado nas narrativas de Macedo e Alencar porque a família, e não apenas a patriarcal, não é uma personagem na história.

A codificação da vida íntima que se desenha nestes romances demonstra que o amor romantizado, que se basta a si mesmo como justifica para o estabelecimento das relações íntimas, é ensaiado nas narrativas e aparece como uma possibilidade para a semântica do período. No entanto, até aquele momento, este amor parece não responder às demandas do sistema patriarcal que, na sociedade brasileira, exige que seu poder seja respeitado. Deste modo, a codificação da vida íntima que se estabelece no século XIX, representada nos romances analisados, não é a do amor autônomo, liberto dos laços sociais, fundamentado apenas no desejo dos indivíduos, mas a do amor balizado, que se desenvolve pressionado, intermediado e limitado pelo interesse do proprietário, deste chefe que se utiliza dos meios necessários, sejam eles claramente autoritários ou não, para fazer sua vontade ser obedecida e realizada. A família nuclearizada e amorosa aparece como uma expectativa, um desejo nas duas primeiras narrativas, modelo ansiado que, ao enfrentar a estrutura social patriarcal trazida por *Dom Casmurro*, apresenta-se com dificuldades de se manter e revela-se apenas como uma utopia.

Referências Bibliográficas

- [1] ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: Ática, 1995;
- [2] AUGUSTI, Valéria. *O romance como guia de conduta: “A Moreninha” e “Os Dois Amores”*. Campinas, 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Estudos da Linguagem/IE - São Paulo, UNICAMP, 1998;
- [3] CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura brasileira: momentos Decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006;
- [4] CARDOSO, André. C. de Almeida. “Children Playing by the Sea”, “The Price of a Happy Ending”, “Undertow”. New York: Tese (Departament of Comparative Literature) – New York University, a ser defendida em 2008. Mimeo;
- [5] COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999;
- [6] FREYRE, Gilberto. *Sobrados & Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: Global, 2006;
- [7] GLEDSON, John. *Machado de Assis: Impostura e realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999;
- [8] LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A Leitura rarefeita: Leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 2002;

- [9] LUHMANN, Niklas. *O amor como paixão: para a codificação da intimidade*. Lisboa: DIFEL/ Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1991;
- [10] MACEDO, Joaquim Manuel de. *A Moreninha*. Rio de Janeiro: Ática, 2003;
- [11] MACHADO DE ASSIS, J. M.. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 2000;
- [12] MURICY, Kátia. *A Razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988;
- [13] VENANCIO FILHO, Paulo. *Primos entre si: temas em Proust e Machado de Assis*. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2000;
- [14] VOLOBUEF, Karin. *Frestas e Arestas: a prosa de ficção do romantismo na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999;
- [15] SCHWARZ, Roberto. “A poesia envenenada de *Dom Casmurro*”. In: *Duas Meninas*. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.